



Populismo & Democracia

A Democracia Liberal não é o problema

Com o autoritarismo a aumentar tanto a nível nacional como internacional, agora não é altura para desistir da experiência americana.





POR
Marc Plattner

Chairman IEP
International Advisory
Board; Co-editor,
Journal of Democracy

TRADUÇÃO
Maria Cortesão Monteiro

Artigo publicado em Abril de 2018 na
Washington Monthly

Não faltam livros de conservadores americanos a atacar liberais americanos, e à primeira vista o *Why Liberalism Failed* parece ser apenas mais um acrescento ao género. Mas o título do livro é enganador, porque o seu autor, Patrick Deneen, professor de ciência política em Notre Dame, nos oferece também uma crítica do conservadorismo contemporâneo. Na verdade, ele vê o progressismo e o conservadorismo contemporâneos, as “principais opções políticas da nossa era”, como dois lados “da mesma moeda falsificada.” Ambos os lados aceitam os princípios fundamentais do liberalismo no sentido mais amplo, o sentido presente na expressão “democracia liberal” – princípios que incluem direitos individuais, constitucionalismo, e regência da lei.

Apesar do seu ataque aos fundamentos básicos do regime americano, o livro de Deneen foi já recebido com comentários respeitosos, ainda que críticos, dos colunistas conservadores do *New York Times*, David Brooks e Ross Douthat. É fácil perceber por que razão a defesa feita por Deneen da família, da ordem, da virtude e da tradição é apelativa a muitos conservadores. Tal como o seu ataque à dispersão da cultura contemporânea (ou “anti-cultura”, como ele prefere chamar-lhe) pela sua ênfase na autonomia individual sobre os valores comunitários.

No entanto, as visões por ele expressas são também provavelmente apelativas aos progressistas. Ele lamenta “a nossa crise ambiental – mudanças climáticas, exaustão

dos recursos, contaminação da água subterrânea, extinção de espécies.” Ele é ainda um forte crítico do capitalismo de mercado livre, “incluindo da desregulação, globalização, e da protecção de desigualdades titânicas.”

Deneen argumentaria, no entanto, que não há contradição na sua rejeição simultânea tanto do individualismo da direita pró-mercado como do estatismo da esquerda do grande governo. Isto porque ele vê as duas orientações políticas como dando azo a um “ciclo vicioso e que se reforça”, no qual um estado em constante expansão é a resposta inevitável à disrupção provocada pelo mercado e pelo individualismo galopante que este alberga.

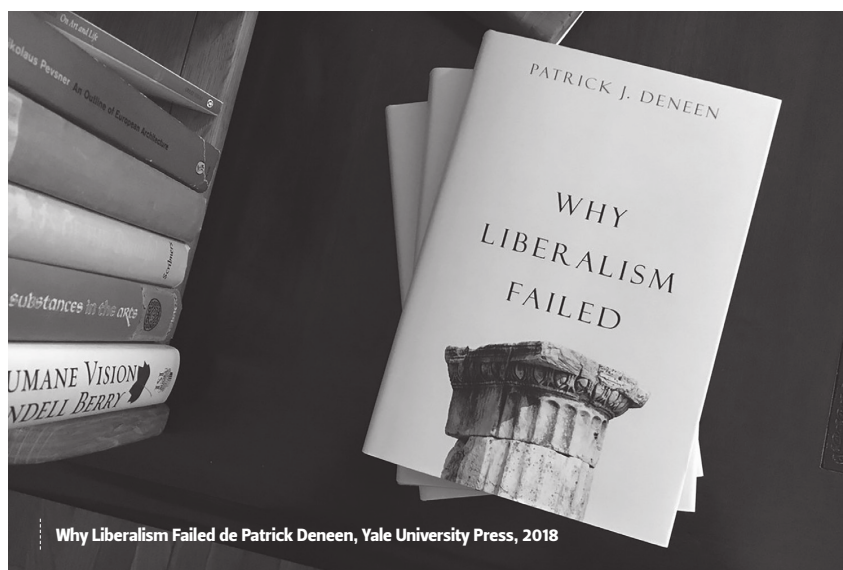
O que une estas duas orientações políticas aparentemente opostas, de acordo com Deneen, é um apego aos princípios fundamentais da tradição liberal moderna, que ele correctamente remonta às obras do filósofo John Locke. Proeminentes entre os princípios políticos fundamentais defendidos por Locke eram a igualdade humana, direitos individuais, e governo com consentimento dos governados. Estes são também, claro, os três princípios chave afirmados na Declaração de Independência. Deneen não é ousado a ponto de atacar a Declaração ou estes três princípios directamente. Mas é bastante explícito a atacar a filosofia política de Locke, a constituição americana (“uma forma completamente nova de tecnologia política que...se apoiava no aproveitamento do interesse próprio”) e o caso a favor da grande república apresentado por James Madison nos *Federalist Papers*.

Deneen não está errado ao argumentar que Locke e o Federalista tinham uma

visão bastante mais benigna do interesse próprio do que tinham os filósofos pré-modernos, vendo-a como o motor de uma ordem política livre e estável. Mas é caricatural sugerir, como faz Deneen, que eles pensavam que o governo livre podia contar apenas com o interesse próprio. Como Madison o coloca, na conclusão do Federalista #55, o auto-governo não pode ser bem sucedido se “não houver virtude suficiente entre os homens.”

Deneen não nega que os princípios do liberalismo e as instituições construídas para os implementar têm tido um sucesso notável. De facto, ele afirma que “o liberalismo falhou por o liberalismo foi bem sucedido. À medida que se concretiza na sua totalidade, gera patologias endémicas de forma mais rápida e perversiva do que aquela que precisa para produzir pensos rápidos e véus para as cobrir.” Entre estas patologias, de acordo com ele, estão a grande desigualdade, a destruição do ambiente, o enfraquecimento dos laços locais e comunitários, e a expansão irreversível de um estado que está cada vez mais além do controlo dos seus cidadãos. Ocasionalmente, ele concede que havia algo “de grande e duradouro valor nas conquistas do liberalismo.” Mas na maior parte das vezes ele apresenta-o como um sistema condenado cuja queda que se aproxima é anunciada nas insatisfações das sociedades liberais actuais.

Tendo apelado à rejeição radical do liberalismo, o que é que Deneen oferece para o seu lugar? Muito pouco. Ele nem sequer tenta dar-nos uma alternativa coerente e praticável. Invoca frequentemente um conjunto de lealdades comunitárias – ao lugar, bairro, família,



nação, religião, tradição, e semelhantes. No entanto, o único exemplo concreto que ele dá de uma comunidade que atinge alguns destes apegos é o da comunidade Amish, e mesmo que claramente os admire, ele não os sugere enquanto modelo a ser seguido. De tempos a tempos ele também fala das virtudes dos povos “pré-liberais”, mas isto abrange um terreno histórico tão vasto e tão variado que acaba por dar muito pouca orientação positiva.

A nível da teoria, Deneen é claramente um admirador da tradição pré-moderna da filosofia política ocidental, com a sua ênfase na virtude, moderação, e auto-controlo. Ele expressa, no entanto, uma apreciação aparentemente igual pela sua versão antiga e pela sua versão cristã, sendo por isso difícil retirar da sua discussão algum sentido da direcção específica que aqueles que actualmente rejeitam o liberalismo devam seguir. Talvez isto ajude a explicar porque é que ele conclui que a tentação para arranjar nova e melhor teoria política deve ser resistida. Em vez disso, depois de todas as suas inflamadas denúncias do liberalismo, ele acaba o seu livro com uma indicação que dificilmente é mais que uma lamúria: “O que precisamos hoje é de práticas promovidas em contextos locais, focadas na criação de culturas novas e viáveis, economia sustentada em virtuosidade no interior dos lares, e a criação de vida cívica na polis. Não de uma teoria melhor, mas de melhores práticas.”

Embora Deneen aponte algumas fraquezas verdadeiras do liberalismo, às vezes com bastante eloquência, ele nunca consegue apresentar uma alternativa coerente. Nem deixa claro que “conquistas” do liberalismo está preparado para aceitar. Parece rejeitar a escravatura e a subordinação das mulheres, por exemplo, mas nunca esclarece explicitamente os fundamentos (presumivelmente não-liberais) que o levaram a essas posições.

Deneen descreve o mundo actual como tendo sido totalmente transformado pelo triunfo do liberalismo. Há um sentido em que isto pode estar certo: o capitalismo global, possivelmente uma consequência do liberalismo, de facto reformulou a vida em quase todo o lado. Mas o liberalismo na sua forma política, baseado na protecção dos direitos individuais e do governo por consentimento, não foi nem de perto tão bem sucedido, apesar dos grandes passos que deu no último quarto do século XX.

Autoritários de um tipo ou de outro continuam a governar uma porção considerável do

mundo, e hoje em dia o seu poder e influência parecem estar a ascender, enquanto que as democracias liberais estão em retirada.

Isto significa que o enfraquecimento da democracia liberal levará provavelmente não a uma eflorescência de pequenas comunidades que honram as suas tradições locais e praticam virtudes caseiras, mas sim ao avanço de ordens políticas como a China de Xi Jinping ou a Rússia de Vladimir Putin. Para um professor de ciência política, a visão de Deneen é estranhamente não política. Um sinal revelador disso mesmo é que ele praticamente nunca menciona os rivais contemporâneos da democracia liberal – ou, na verdade, qualquer outro país além dos Estados Unidos. Também não toma em consideração os constrangimentos políticos impostos por se viver num



Ao contrário do que Deneen sugere, a liberdade e o auto-governo que é essencial para a sua preservação têm sido extremamente raros ao longo da história humana. Existiam em muito poucas sociedades pré-liberais

mundo de estados soberanos e potencialmente hostis – excepto num parágrafo de depreciação do argumento do Federalista de que a nova república precisaria de uma capacidade defensiva forte.

Deneen parece simplesmente tomar como garantida a segurança que há muito é providenciada pela defesa americana da liberdade além-fronteiras e da sua ordem constitucional intra-fronteiras. Ele descreve a situação actual como se as coisas neste país fossem tão terríveis que nem devíamos temer que elas possam tornar-se piores. Esta é uma posição absolutamente insensata para se tomar num momento em que tanto o tecido da democracia liberal da América como a sua posição no mundo enfrentam os maiores desafios desde o fim da Guerra Fria.

Há apenas um filósofo político que Deneen cita frequentemente com aprovação: Alexis de Tocqueville. É verdade que Tocqueville era um pertinente crítico da democracia e da modernidade. Nenhum outro pensador caracterizou tão eloquentemente as falhas da democracia moderna e o que foi perdido com o desaparecimento das sociedades pré-liberais. Mas Tocqueville era, independentemente disso, um amante da liberdade e por isso um amigo da democracia liberal. Ele acreditava que o triunfo do princípio da igualdade tinha transformado o mundo de forma irreversível, mas também argumentou que o destino da era democrática emergente era ainda uma questão em aberto. Ele conclui a *Da Democracia na América* com estas palavras: “depende delas [nações] o facto de a igualdade as conduzir à escravatura ou à liberdade, às luzes ou à barbárie, à prosperidade ou às misérias.”¹

Esta é ainda a escolha que temos perante nós. Ao contrário do que Deneen sugere, a liberdade e o auto-governo que é essencial para a sua preservação têm sido extremamente raros ao longo da história humana. Existiam em muito poucas sociedades pré-liberais. A noção de que devemos desistir da experiência americana e rejeitar os seus princípios fundadores não é apenas profundamente hostil ao espírito de Tocqueville – é também o cúmulo da irresponsabilidade política. ■

NOTA DE TRADUTOR

Para uma melhor tradução da passagem de Alexis de Tocqueville, optei por utilizar a tradução feita pela edição da Editora Princípiã da obra *Da Democracia na América*. [Alexis de Tocqueville, *Da Democracia na América*, Estoril: Princípiã, 2007.]